

Um intelectual longe da universidade

Fernando Henrique se afasta do meio acadêmico mas continua fazendo pesquisas e vai escrever livro sobre a Presidência

Antônio Carlos Piciani/20-8-79

Adriana Vasconcelos

BRASÍLIA

Com quase 30 anos de cátedra e pelo menos 22 livros publicados, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso há cinco anos não pisa numa sala de aula de universidade brasileira e reduziu seus contatos com o meio acadêmico a reuniões reservadas com intelectuais, que normalmente acontecem no Palácio da Alvorada ou em viagens ao exterior. A última homenagem que recebeu no Brasil da comunidade acadêmica foi em 1992, quando ainda era senador e a Universidade de São Paulo (USP) lhe deu o título de professor emérito.

Não bastasse o afastamento das salas de aula, Fernando Henrique ainda virou alvo freqüente de críticas de antigos colegas, como o atual presidente do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), José Arthur Gianotti, com quem mantém amizade há 45 anos, que em fevereiro deste ano acusou o presidente de estar vivendo uma "situação de despotismo esclarecido".

Fernando Henrique garante que não se incomoda com as críticas. Mas faz questão de dizer que continua, mesmo de maneira informal, fazendo suas pesquisas. Ele já revelou a assessores e amigos que poderá escrever um novo livro assim que deixar a Presidência da República. Por isso, grava diariamente depoimentos sobre o seu dia-a-dia desde que tomou posse.

Assessora especial já transcreve fitas para livro de memórias de FH

As fitas são transcritas exclusivamente por uma assessora especial, Danielle Ardaillon, que organiza as memórias de Fernando Henrique. O material é sigiloso e ninguém arrisca prever quando isso poderá se transformar em livro.

— Acho que a publicação de um livro pelo presidente é quase inevitável. Senti outro dia, quando ele fez questão de redigir uma nota oficial sobre a posição do Governo sobre a crise das PMs, o seu prazer em escrever — conta o secretário Nacional de Direitos Humanos e amigo de Fernando Henrique há 30 anos, José Gregori.

O presidente também nega o afastamento de amigos intelectuais, com os quais faz questão de conversar e trocar idéias regularmente. Alguns deles, como o professor Luciano Martins e o embaixador Gelson Fonseca, foram convocados para trabalhar no Governo como assessores especiais.

Auxiliares de Fernando Henrique tentam justificar seu afastamento das universidades brasileiras. Lembram que a liturgia do cargo de presidente da República não permite sua exposição a ambientes onde ele possa ser submetido a situações constrangedoras. Dificilmente Fernando Henrique escaparia de vaias de estudantes ou questionamentos públicos de professores se pisasse hoje numa universidade brasileira. As críticas mais ferrenhas ao seu Governo viriam do corpo docente, ao qual se agregou ainda em 1952 como primeiro-assistente da cadeira de história econômica geral e do Brasil na Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo.

Presidente de associação de docentes dá nota zero ao Governo FH

A professora de arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Maria Cristina de Moraes, atual presidente da Associação Nacional dos Docentes (Andes), entidade a qual Fernando Henrique é filiado, não poupa o presidente de críticas e dá nota zero a seu governo. Na verdade, as suas críticas são dirigidas mais à relação institucional que o Governo vem mantendo com as universidades, do que ao intelectual. A Andes não aceita a proposta do Ministério da Educação que garantirá a autonomia das universidades.

— Damos nota zero para Fernando Henrique e a seu governo autoritário, prepotente e com ares bonapartistas. Não esperávamos que um acadêmico, um professor, fosse se recusar a conversar com o corpo docente das universidades. Justamente ele, que conheceu as nossas lutas de perto — afirma Maria Cristina.

No exterior, porém, o presidente Fernando Henrique Cardoso parece manter seu prestígio de intelectual inabalável. Tanto que já recebeu de universidades estrangeiras pelo menos seis títulos de *doutor honoris causa* desde que assumiu o Governo em janeiro de 1995.

O primeiro foi outorgado pela Faculdade de Direito da Universidade de



O PRESIDENTE FERNANDO Henrique Cardoso no tempo em que dava aulas da Universidade de São Paulo: intelectual cedeu lugar ao político que recebe críticas do meio acadêmico

Coimbra, em Portugal, em julho de 1995. Nesse mesmo ano, o presidente foi homenageado pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, também em Portugal, e pela Faculdade de Ciência Política Freien Universität Berlin, na Alemanha. Além disso, volta e meia o presidente é requisitado para escrever o prefácio de livros de intelectuais, como Albert Hirschman.

Como presidente da República, Fernando Henrique Cardoso acaba deixando seu lado político falar mais alto

quando está tratando dos problemas nacionais. Mas dentro de casa ainda prevalece o espírito do intelectual.

Amigos do presidente contam que as conversas dele com dona Ruth Cardoso, que, como o marido, viveu no meio acadêmico, quase sempre se voltam para temas culturais, para as novidades literárias e artísticas.

— Os dois têm muita cultura e sensibilidade. Nessa convivência íntima é difícil que não façam qualquer referência cultural — confia José Gregori.